

## FANTASIA, BRINCADEIRA, SUBJETIVIDADE: HÁ LUGAR PARA O POEMA EM SALA DE AULA?

Eunice Prudenciano de Souza<sup>1</sup>, Karina Torres Machado<sup>2</sup>

### Resumo

A inserção de práticas pedagógicas com o texto literário nos espaços educacionais, destituídas de ações avaliativas e conteudistas, ainda constitui um dos entraves a ser transposto no meio escolar. Nesses espaços, o encontro com novos autores, títulos e gêneros literários, que não os consagrados pela academia, continua embrionário e responsabilidade deste ou daquele docente. Se houver uma busca por propostas e, até mesmo por estudos acadêmicos sobre o gênero poético em sala de aula, notar-se-á, facilmente, o distanciamento e as lacunas existentes entre o poema e os demais gêneros literários no que diz respeito às socializações e às práticas com a leitura literária nas unidades básicas de ensino. Diante disso, este artigo discute e questiona os espaços destinados ao poema no ambiente escolar, propondo uma prática de mediação de leitura literária com o livro **H' linha e outros bichos inteligentes** (2013), de Ronald Polito e Guto Lacaz fundamentada no conceito de letramento literário de Rildo Cosson (2006). Para isso, Ligia Cademartori (2012) e Délia Lerner (2002) serão as bases teóricas que propiciarão um estudo analítico do texto literário para a criação de uma comunidade de leitores literários, além de possibilitar questionamentos que incitem e fundamentem os docentes no planejamento de alternativas metodológicas que contemplem o uso da literatura em sala de aula.

**Palavras-chaves:** Poema, Leitura, Espaços de leitura, Letramento literário.

## FANTASY, PLAY, SUBJECTIVITY: IS THERE SPACE FOR THE POEM IN THE CLASSROOM?

### Abstract

The insertion of pedagogical practices with the literary text in educational spaces, devoid of evaluative and content actions, is still one of the obstacles to be overcome in the school environment. In these spaces, the encounter with new authors, titles and literary genres, other than those established by the academy, remains embryonic and the responsibility of this or that teacher. If there is a search for proposals and even for academic studies on the poetic genre in the classroom, the distance and gaps between the poem and other literary genres will be easily noticed with regard to socialization and the practices with literary reading in the basic teaching units. Therefore, this article discusses and questions the spaces destined to the poem in the school environment, proposing a practice of mediation of literary reading with the book **H' linha e outros bichos inteligentes** (2013), by Ronald Polito and Guto Lacaz based on the concept of literary literacy by Rildo Cosson (2006). For this, Ligia Cademartori (2012) and Délia Lerner (2002) will be the theoretical bases that will provide an analytical study of the literary text for the creation of a community of literary readers, in addition to enable questions

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UNESP/Araraquara, com mestrado e doutorado em Estudos Literários pela mesma instituição. Estágio de pós-doutoramento em Literatura Brasileira pela UFMS/CPTL. Professora no IFSP/Boituva; eunice.souza@ifsp.edu.br.

<sup>2</sup> Graduada em Letras, pela Unesp/FCLAR; especialista pela UFLA, pela UFSJ e pela UCS; mestre em Linguagens e Letramentos, pela UFMS-CPTL; doutoranda em Estudos Literários, pela UFMS/CPTL. Professora da rede Estadual de São Paulo; karina.tm@hotmail.com.

that encourage and support teachers in planning alternative methodologies that contemplate the use of literature in the classroom.

**Keywords:** Poem, Reading, Reading spaces, Literary Literacy.

## **FANTASÍA, JUEGO, SUBJETIVIDAD: ¿HAY ESPACIO PARA EL POEMA EN EL AULA?**

### **Resumen**

La inserción de prácticas pedagógicas con el texto literario en espacios educativos, desprovistos de acciones evaluativas y de contenido, sigue siendo uno de los obstáculos a superar en el ámbito escolar. En estos espacios, el encuentro con nuevos autores, títulos y géneros literarios, distintos de los establecidos por la academia, queda embrionario y la responsabilidad de tal o cual docente. Si hay una búsqueda de propuestas e incluso de estudios académicos sobre el género poético en el aula, se notará fácilmente la distancia y brechas entre el poema y otros géneros literarios en lo que respecta a la socialización y las prácticas con la lectura literaria en las unidades básicas de enseñanza. Por tanto, este artículo discute y cuestiona los espacios destinados al poema en el ámbito escolar, proponiendo una práctica de mediación de la lectura literaria con el libro **H' linha e outros bichos inteligentes** (2013), de Ronald Polito y Guto Lacaz a partir del concepto de alfabetización literaria por Rildo Cosson (2006). Para ello, Ligia Cademartori (2012) y Délia Lerner (2002) serán las bases teóricas que proporcionarán un estudio analítico del texto literario para la creación de una comunidad de lectores literarios, además de posibilitar preguntas que animen y apoyen a los docentes en planificación de metodologías alternativas que contemplen el uso de la literatura en el aula.

Palabras-clave: Poema, Lectura, Espacios de lectura, Alfabetización literaria.

### **Introdução**

*Toda reflexão sobre poesia deveria começar, ou terminar, com esta pergunta: quantos e quem são os que leem livros de poemas? Disse poemas, não poesia, porque podemos discutir incessantemente sobre a segunda, enquanto não é difícil concordar sobre o significado da palavra poema: um objeto feito de palavras, destinado a conter e a segregar uma substância impalpável, rebelde a definições, chamada poesia.*

(Octavio Paz, A outra vez)

A extensa pesquisa existente no país acerca da promoção da leitura literária nos ambientes educacionais alavancou e fomentou novas práticas, concepções e vivências, não só do texto literário em sala de aula, como também da reconfiguração e da disseminação do mercado editorial infanto-juvenil. No entanto, no limiar histórico em que vivemos, imersos em tecnologia e sendo, muitas vezes, telespectadores do mundo digital, a passividade dos leitores

abriu espaço para a marginalização da fabulação, da criatividade, do encontro subjetivo com a linguagem literária e, conseqüentemente, da recepção do texto literário.

A literatura e, também, a visão poética da existência humana foram camufladas pelo utilitarismo e desencantadas pelo materialismo cada vez mais desenfreado da sociedade contemporânea. Assim, duas de nossas capacidades mentais mais estimulantes – a fantasia e a imaginação – cederam lugar para a falta de conhecimento de uma sociedade exposta, como nunca, à informação. Na contemporaneidade, os indivíduos têm acesso a uma infinidade de informações, mas, ao mesmo tempo, não sabem como lidar com essas informações. Aliado a esse panorama, vemos uma crescente inabilidade no manuseio da linguagem, tanto no aspecto da leitura quanto no de produção, como consequência de uma geração de leitores cada vez mais passivos. Um dos meios de enfrentar esse quadro é formar leitores, principalmente leitores literários, o que implica dedicar espaço privilegiado a sua leitura e a seu estudo no espaço escolar.

As pesquisas acadêmicas sobre práticas de mediação de leitura com o gênero literário narrativo ganharam fôlego no final do século XX, figurando como protagonista dos estudos, no entanto a poesia continua coadjuvante, carecendo de público e de atenção, respirando graças à exploração da potência da oralidade no século XXI – desde batalhas de rappers aos saraus literários. Nesse contexto, devemos ressaltar que a leitura de poesia possui ainda menor prestígio em comparação a romances, contos e crônicas. Carência inflamada nos espaços educacionais, onde é concebida por muitos docentes, do ensino infantil ao médio, como gênero de difícil compreensão, por alguns outros como matéria de exploração de conteúdos gramaticais, por outra parcela como exercício de interpretação de texto, restrito aos apontamentos trazidos pelo livro, sem espaços para socialização de leituras, por fim, como atividade reduzida a alguns escritores, conhecidos pelo professor, que, por diversas vezes, também vive a insuficiência da leitura poética.

Esclarecedor é o panorama oferecido pela pesquisa **Retratos da leitura no Brasil**, realizada a cada quatro anos pelo Instituto Pró-livro, entidade de caráter privado e sem fins lucrativos. A abordagem usada como referência foi feita em 2019 e publicada no livro **Retratos da leitura no Brasil 5** (FAILA, 2020), com uma base de 4270 leitores, de diversos níveis de idade, gênero, escolaridade, renda, região e religião. Em relação ao que gostam de fazer no tempo livre, 67% dos entrevistados declararam assistir televisão, 66% acessam a internet, 62% usam Whatsapp e 44% Facebook, Twitter ou Instagram. Dos entrevistados, apenas 22% declararam ler livros digitais ou em papel em seu tempo livre. Na mesma pesquisa, 22% dos

entrevistados declararam-se leitores de romances; a mesma quantidade de 22% informou ler contos; e 16% declararam-se leitores de poesia. Podemos concluir que, de modo geral, o espaço dedicado à leitura é reduzido na vida dos brasileiros. Sendo que o brasileiro gasta muito mais tempo acessando a internet do que lendo livros. Esse espaço é ainda mais reduzido quanto se trata de leitura de poesia.

Apesar de, na contemporaneidade, a poesia não contar com a preferência da maioria dos leitores, não podemos nos esquecer do papel de destaque do gênero na formação de leitores, sendo necessária e fundamental em qualquer processo de letramento literário. Por seu caráter hermético, riqueza e ativação dos mais variados recursos da língua, possibilita uma maior centralidade do trabalho com a linguagem. Reis (2003) destaca esse potencial do gênero poético:

[...] o trabalho sobre a língua e sobre os recursos expressivos que ela faculta. Um trabalho que se revela muitas vezes activamente subversivo, no sentido em que procura, nalguns casos chegando a extremos de radicalização inovadora, surpreender formas e sentidos inusitados; assim, o poema lírico [...] institui um acto comunicativo que pode ser considerado exigente, pelo quetem de sofisticado, por vezes até próximo do limite do hermetismo. (REIS, 2003, p. 306-307)

Por seu caráter subversivo e potencialmente inovador na exploração da língua, que, não raramente, rompe com os limites das formas convencionais de escrita e da organização do pensamento, a poesia permite que os educandos adentrem o território da subversão e da radicalidade. Por isso acreditamos que o gênero poema – assim como seus aspectos visuais e sonoros – deve fazer parte do processo de letramento literário dos estudantes.

A inserção de práticas pedagógicas com o texto literário nos espaços educacionais, destituídas de ações avaliativas e conteudista, ainda constitui um dos entraves que a sociedade brasileira precisa transpor. Nesses espaços, o encontro com novos autores, títulos e gêneros literários, que não os consagrados pela academia, continua embrionário e responsabilidade desse ou daquele docente. Se pesquisarmos por propostas e, até mesmo por estudos acadêmicos sobre o gênero poético em sala de aula, nota-se facilmente o distanciamento e as lacunas existentes entre o poema e os demais gêneros literários no que diz respeito às socializações e às práticas com a leitura literária nas unidades básicas de ensino. Diante disso, este artigo discute e questiona os espaços destinados ao poema no ambiente escolar, propondo uma prática de mediação de leitura literária com o livro **H' linha e outros bichos inteligentes** (2013), de

Ronald Polito e Guto Lacaz fundamentada no conceito de letramento literário de Rildo Cosson (2006).

Compreendendo a necessidade de oportunizar nos espaços escolares a veiculação da noção de que a palavra “não cumpre apenas a função de referir-se a algo [mas] orienta para algo não explícito [que] como resultado, cria novas experiências não apenas linguísticas, mas também no plano das ideias” (CADEMARTORI, 2012, p. 103) é que nos adentramos no questionamento e na sugestão de práticas de mediação do texto poético. Visamos, desta forma, suscitar reflexões e verificar como o acesso e o contato com o universo do poema oportuniza aos estudantes o efeito imagístico, fabulativo, simbólico da palavra, tanto pela seleção e disposição dos vocábulos, quanto pelo ritmo sonoro e visual, pela melodia, pelo jogo lúdico estabelecido no ato de ler.

### **Valores e representações: o encontro entre autor-texto-leitor**

*As palavras não nascem amarradas, / elas saltam, se beijam, se dissolvem, /  
no céu livre por vezes um desenho*

Carlos Drummond de Andrade

Délia Lerner, em seu livro **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário (2002), explicita os vários entraves e as determinações de papéis e objetivos que envolvem o ato de ler e escrever nas instituições educacionais, do ensino infantil ao médio. A pesquisadora suscita reflexões imprescindíveis para transformar ou questionar as práticas e os objetivos que envolvem tais processos, argumentando que

a leitura é sempre – desde o começo – um ato centrado na construção do significado, que o significado não é um subproduto da oralização, mas o guia que orienta a seleção da informação visual [e de que] para construir significados ao ler, é fundamental ter constantes oportunidades de se enfrontar na cultura do escrito, de ir construindo expectativas acerca do que pode ‘dizer’ neste ou naquele texto, de ir aumentando a competência linguística específica em relação à língua escrita (LERNER, 2002, p. 40-41)

Ressalta que o processo exige uma postura desconstruída tanto do professor quanto do aluno para que ações centradas no fazer e no pensar sobre o falar sejam transpostas para o “falar sobre”. Situação comunicativa que coloca os agentes comunicacionais em posição de igualdade, respeitando seus conhecimentos, instigando a colocação de suas leituras e, conseqüentemente,

situando-os como produtores de conhecimentos compartilhados. Significa, portanto, conceber o ensino como

uma margem de liberdade intelectual muito maior do que é habitual na escola, permitir-lhe que exponha suas contextualizações, criar condições para que ponha em jogo suas próprias estratégias cognitivas e que corra o risco de se equivocar, sabendo que o erro será considerado como natural e como ponto de partida de uma nova reflexão. (LERNER, 2002, p. 112)

Essa perspectiva coloca o professor como mediador, como orientador das práticas educacionais e o estudante em processo de coautoria com o ensino-aprendizagem. No que diz respeito à leitura, criar espaços para o “falar sobre” possibilita o desvelar de que o ato de ler não se estrutura em respostas prontas, pré-concebidas pelo livro didático ou restritas às observações e aos valores do professor, mas de que a escolha individual do livro, a leitura silenciosa ou em voz alta, o diálogo sobre as sensações e compreensões sentidas, propiciam o entendimento de que “ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita” (LERNER, 2002, p. 72).

Como pontua Rildo Cosson,

ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. Entendida dessa forma, a leitura é uma competência individual e social, um processo de produção de sentidos que envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto. (COSSON, 2014, p. 36)

Nas palavras de Manguel (2017, p. 140), “[s]omos criaturas leitoras, ingerimos palavras, somos feitos de palavras, sabemos que as palavras são nosso meio de estar no mundo, e é através das palavras que identificamos nossa realidade e por meio das palavras somos, nós mesmos, identificados”. Permitir momentos em que a palavra seja a protagonista, em que o ato de ler seja libertário, é reiterar a origem da própria natureza humana, imagética, poética, construída na e pela troca do eu com o outro e com o mundo.

A criação de uma comunidade de leitores coparticipantes do ensino-aprendizagem requer uma reorganização do espaço escolar com vivências poéticas, que permitam aos alunos percorrer diversos momentos e lugares, desvelando o olhar para a arte e para a vida, terreno da literatura. A poesia, como arte da palavra, “inova, inaugura um modo de ver e de dizer que

talvez ainda não conheçamos” (RAMOS, 2010, p. 48), colocando o imaginário em jogo, abrindo espaço para o novo, para o inusitado.

O contato dos alunos, de todas as idades, com o poema promove uma aprendizagem centrada no jogo da decifração do saber, embalada pela musicalidade, por leituras que aguçam o desenvolvimento e a mobilização de diversas habilidades para a apropriação do texto (CHARTIER, 2001). Nesse sentido, além da função estética em que a palavra expressa o belo, a arte, o lúdico, o leitor é arremessado, é provocado a sentir/perceber novas nuances da realidade subjetiva e objetiva, ampliando suas perspectivas sobre o mundo. Tais ações atribuem ao ensino e à leitura nas unidades escolares a volição para uma leitura criativa e crítica, em que a vida vai sendo percebida e significada pelo encontro das experiências externalizadas entre autor-texto-leitor.

A associação da leitura de poemas, pautada por ações de liberdade de escolha, desvinculadas das ações pragmáticas, conteudistas e avaliativas, converge na busca curiosa do desconhecido, da liberdade do exercício lúdico, da ampliação dos tempos e espaços vividos, “instrumentaliza o leitor para o ato de [que] ler poesia é processo que lhe permite dispor de ferramentas plurais, necessárias ao protagonismo na realização da proposta desenhada pelas propriedades de cada texto” (MARANGONI; RAMOS, 2000, p. 38).

Diante de tais aspectos, cabe ressaltar que a leitura de poemas transpõe a materialidade da página, do livro e se instaura no corpo, na experiência sensorial, no movimento instigado pelo ritmo – elemento fundador do poema, segundo Tinianov (1975) –, responsável pela cadência e pelo sentido que as palavras adquirem durante a leitura. O ritmo, juntamente com o campo imagético, representa o lugar de associações, de alusões, de metáforas que desconstruirão o olhar para a apreensão de novas formas de ver e conceber o representado.

A poesia, assim como a literatura, desempenha a

manutenção da língua como patrimônio coletivo e na apresentação de uma organização estética da linguagem que, extrapolando finalidades meramente informativas, convida o leitor ao exercício da imaginação e da recriação de significados. Nesta perspectiva, a poesia, assim como toda a literatura, oferece-nos a possibilidade de contato com nossa tradição literária e cultural, permitindo ao mesmo tempo, o resgate de nossas condições de criação, uma vez que nos convida a imaginar, a produzir sentidos e a estabelecer relações entre a palavra e o mundo. (OBERG, 2006, p. 147)

Nesse entrelaçamento de imagens e sons, o poeta brinca com os sentidos ao dispor as palavras como fragmentos que soam como instáveis, mas também que se completam e, nesse

jogo, permite associações, significa, revela o mundo, suas possibilidades e materializações, enriquecendo o sujeito leitor, diante da pluralidade sentida, percebida.

A socialização das múltiplas aproximações e efeitos que os alunos podem ter ao compartilhar suas leituras representa o estabelecimento de novos vínculos internos, capazes de reorganizarem ou desorientarem a percepção da própria vida, a compreensão do outro e uma postura ativa e crítica diante do mundo – uma das válvulas propulsoras da transformação que se espera da educação.

Dessa forma, o convívio com o gênero poético possibilita a formação de “pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura oferece, dispostos a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente” (LERNER, 2002, p. 28), a partir da criação “na escola de âmbitos de discussão para elaborar possíveis vias de transformação” (LERNER, 2002, p. 38).

Para que a interação com o texto poético aconteça, não podemos nos esquecer de que é preciso ler, conhecer, folhear, escrever poemas, visto que, assim, teremos toda uma maquinaria que se movimenta para dar sentido à palavra e à vida, pois no “tabuleiro da poesia, as palavras e os leitores se movem, juntando as peças que farão o jogo acontecer: a palavra do leitor se junta à palavra do poeta e, nessa interação, os sentidos se constroem, a palavra ganha significado. (OBERG, 2006, p. 147)

### **Mediações de leitura: o texto literário poético na sala de aula**

*A palavra nunca descreve tudo o que a emoção sente*

Bartolomeu Campos de Queirós

No limiar histórico em que a sociedade se encontra, compete também à escola formar o aluno integralmente, de maneira contínua e permanente em todas as dimensões do ser, para que ele possa ter uma atuação plena, consciente de si e do mundo. Isso significa dotá-lo, estimulá-lo, disponibilizar a ele formas de se reencontrar, de se indagar sobre seu ser, sobre sua evolução, para que delinee sua atuação no mundo. Um dos objetivos do processo de ensino e aprendizagem é formar cidadãos críticos e atuantes, capazes de atuar na sociedade circundante visando sua transformação e melhoria. Para isso, o letramento é fundamental, visto que as relações sociais são mediadas pela linguagem. Quando se trata de letramento literário, o processo de letramento pode ser ainda mais rico, pois a literatura, com seu caráter plurissignificativo e intensa ativação dos mais variados recursos linguísticos, permite ao

educando uma maior consciência sobre os mecanismos da língua. Em **Glossário CEALE** (2014), Cosson define letramento literário:

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. [...] não se trata simplesmente de um conjunto de obras consideradas relevantes, nem o conhecimento de uma área específica, mas sim de um modo muito singular de construir sentidos que é a linguagem literária. Essa singularidade da linguagem literária, diferentemente de outros usos da linguagem humana, vem da intensidade da interação com a palavra que é só palavra e da experiência libertária de ser e viver que proporciona. (COSSON, 2014)

Como destaca Cosson, o letramento literário é um processo e, como tal, deve ser algo contínuo, por toda a vida. Começa com as cantigas de ninar e abarca cada romance, cada novela ou filme assistido, ou seja, é aprimorado a cada obra literária com a qual o aprendiz tem contato. Nesse sentido, é necessário repensar e redimensionar as práticas de ensino, imergindo os sujeitos envolvidos em ações de exploração, de decifração, de leitura, de releitura, de conversas, de discussão, de brincadeiras, de dramatizações, oportunizando espaços para o fabuloso, o imaginário e o simbólico, como algo permanente. Não basta que o professor trabalhe um livro ou oportunize uma ida da turma à sala de leitura, é preciso que transforme o trabalho com a literatura em sala de aula em práticas sistematizadas e contínuas de leitura. Segundo Lerner (2002, p. 17):

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, [...] desejando viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos.

A exposição e o contato com autores e gêneros literários diferentes propiciam ao estudante mergulhar na cultura humana, na problemática da vida e, conseqüentemente, no questionamento e na ampliação de sua percepção como ser histórico e social. Nessa missão, a escola precisa encontrar formas para driblar o tradicionalismo e o pragmatismo para comunicar

novos saberes e comportamentos, instaurar ações que sensibilizem, que despertem, que questionem o olhar dos sujeitos envolvidos. A exposição do belo, do artístico, do passado histórico, do imaginário coletivo, da arte, – elementos dos textos literários – representa uma chave para conciliar as necessidades inerentes dos jovens, da educação e da humanidade.

O trabalho com leitura de poemas, com rodas de leitura, com saraus literários, com batalhas poéticas, com flash mobiles, com varais de poesias, com apresentações musicais e dramatizações baseadas na vida e na obra de escritores representam caminhos para que a escola desperte o vínculo, a relação prazerosa com o texto, o estímulo à capacidade de sentir e de ouvir e, assim, transponha os valores da efemeridade, da brevidade, da passividade instaurados pelo capitalismo e pelo materialismo.

### **Explorando H'linha e outros bichos inteligentes**

Para elucidar algumas das reflexões apontadas e indicar caminhos para o trabalho com a poesia em sala de aula, tecemos possíveis práticas com alguns poemas do livro **H' linha e outros bichos inteligentes**, escrito por Ronald Polito e Guto Lacaz, publicado em 2013, delineando uma prática de leitura baseada na proposta de letramento literário de Rildo Cosson. O livro é composto por vinte e dois poemas, que exploram a linguagem verbal à verbi-voco-visual da poesia concreta, rompendo e ampliando o horizonte de expectativas dos leitores sobre o comportamento e as características de alguns animais. O livro pode ser apresentado aos alunos de várias formas, como leitura silenciosa ou oralizada em sala de aula, como momento de dramatização das situações vividas pelos vinte e dois animais ou como leitura de fruição. O importante é que o professor encontre a melhor forma de recepção para seus leitores.

Como objeto de prática de leitura, o livro coloca os estudantes em contato com o universo mágico, em que o imaginário coletivo é instigado pela curiosidade desencadeada pela seleção vocabular que rompe os valores instaurados pelo senso comum em relação aos animais e pela visualidade gráfica associada ao poema, reveladoras de imagens que esmeram o olhar. **H' e outros bichos inteligentes** é todo instigante. A provocação começa pela sagacidade do título que nos leva a pensar se letra escreve ou se letra desenha. O aspecto lúdico de alguns poemas leva o aprendiz, de modo inteligente, à percepção de algo simples como uma **Cennnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnntopeia** pernudinha atravessando a página em branco, ou a forma lenta, mas contínua com que a tartaruga “vai indo, lentamente, / mas, sempre adiante”, em que as letras de **tartaruga** surgem embaralhadas, remetendo ao seu

casco em forma de mosaico. Ao final, a escrita de **llllleeeessssmmmmaaaa** de forma tremida sugere o sinal que o bicho “vai cobrindo de prata o caminho da areia” – quase como se pudéssemos visualizar seu rastejar – conclui o diálogo dinâmico e envolvente com o leitor. O jogo incessante entre letra, som e imagem leva os leitores a brincar com a h’ galinha e outros bichos inteligentes.

O intuito da presente proposta é que os educandos percebam a relação entre som e imagem, forma e sentido, significante e significado, assim como adquiram uma maior consciência sobre a língua e aprendam a usar os recursos linguísticos para uma maior expressividade na comunicação. Acerca desse aspecto, vários poemas do livro podem ser explorados pelo mediador – “Cisne”, “Carlota”, “Baleia”, “A roupa da tartaruga” –, como práticas de leitura que convidam os alunos a olharem o mundo animal como meio de investigação e descoberta. Diante das novas constatações e da ampliação do horizonte de expectativas dos estudantes, a atividade de explorar as letras, seus movimentos e seus sons para criação de poemas que versem sobre o reino animal pode se tornar um momento prazeroso e motivador para despertar o gosto pela palavra, pela fabulação, pela arte.

Em poemas como “Um camaleão”, “Olga” e “A minhoca obstinada”, a sonoridade e a musicalidade saltam à página e embalam o corpo. O estudo dos versos regulares e metrificados, das rimas e das associações imagéticas representam caminhos que transpõem às atividades usuais e cotidianas e podem instaurar conexões com a própria existência humana, por meio da investigação dos diferentes ritmos da língua. Ação que pode proporcionar momentos lúdicos com os jogos de palavra e a exploração das possibilidades linguísticas da língua portuguesa.

A leitura do poema “A formiga” instaura, inicialmente, a curiosidade pela imagem que o acompanha e o complementa. As duas fileiras da consoante “f”, dispostas uma ao lado da outra em dois sentidos diferentes, representam o movimento frenético de ir e vir, realizado pelas formigas, diariamente, na busca por comida. A proximidade das letras na linha figurativiza o comportamento desse inseto, sinônimo de união, organização, respeito à hierarquia e ao trabalho que, embora pequeno, como mostra a localização das letras na página, somam forças para atingir o fim coletivo. Questionamentos que podem ser suscitados pelo docente durante a leitura, reveladores do poder imagético, que mobiliza saberes e percepções de olhar. O relato de vida da formiga é introduzido pela expressão “Era uma vez”:

que não tinha nenhuma amiga.  
Ela só trabalhava, trabalhava,  
sem saber muito bem onde isso dava.  
de lá para cá, de cá para lá

[...] Não tinha tempo para tomar chá,  
nem mesmo com a família querida”  
(POLITO; LACAZ, 2013, p. 9)

A expressão “era uma vez” reutiliza e mobiliza o diálogo com o conto de fadas, com o maravilhoso, a fim de incitar a formiga a quebrar a monotonia que representa sua vida e criar outras narrativas para sua existência, como confirma a conjunção temporal “até que”, que inicia o segundo parágrafo. Nesse processo de desconstrução, a presença da cigarra, personagem caricatural das fábulas, conhecida pelo jeito despojado, tranquilo e desprezioso com que encara a vida, surge no poema como a fada madrinha da Bela Adormecida, expondo outras formas de viver

levou a amiga para a farra,  
para dançar numa gafieira.  
E dançaram a noite toda,  
bolero, samba e rock-‘n roll,  
a cigarra só bebeu soda,  
a formiga se escangalhou.  
(POLITO; LACAZ, 2013, p. 9)

O deslumbramento sentido e percebido pela formiga não a faz abandonar sua vida para viver outra, apenas permite a compreensão de que a vida não é só trabalho e precisa ter momentos de lazer “sair, dançar, se divertir, / sair sem saber aonde ir”. Por fim, enaltece a essencialidade de se conceder momentos de lazer e importantes para o viver em sociedade, como o “Ir com a filha ver o mar”:

Que a vida não é só trabalho,  
Também é uma tarde de orvalho,  
Conhecer gente, viajar,  
Ir com a filha ver o mar.  
(POLITO; LACAZ, 2013, p. 9)

O ritmo do poema, simples e contagiante, com rimas pobres que se alternam entre emparelhadas e cruzadas, ecoa o efeito de sentido pretendido pelos autores, que é o de questionar visões e padrões “Ela só trabalhava, trabalhava / sem saber muito bem onde isso dava!” (POLITO; LACAZ, 2013, p. 9). Ritmo que será modificado com a introdução da conjunção temporal “até que”, síntese da ruptura simultânea do sentido e da sequência sonora, que passa a ser fraca e forte “Até que um dia uma cigarra, / boa de papo, bem maneira” (POLITO; LACAZ, 2013, p. 9). A alternância de sílabas fortes e fracas passa a marcar o ritmo

da trajetória da formiga, aspecto formal que expõem a necessidade da leitura do poema com olhos e ouvidos bem atentos, isto é, observando-se sua organização visual e sonora. Elementos composicionais responsáveis pela unidade de sentido.

No poema “Felipe, o último”, o estranhamento impõe-se pelo título e inaugura uma possibilidade de leituras e apontamentos sobre o tema do texto, que se assomam a leitura da imagem que o introduz e complementa. A musicalidade constituída de assonâncias, da alternância entre sílabas fracas e fortes, do uso da redondilha maior, resgata os saberes populares, por meio das narrativas orais que eram transmitidas de geração em geração, para apresentar a história de Felipe, o último sapo-príncipe. Nesta trajetória, entre passado e presente, a visualidade da palavra sapo e da vogal “o” prolongada, exhibe a boca/língua do sapo aberta para alcançar algo, que, por meio da leitura do poema, entendemos ser a restituição de sua antiga vida de príncipe, reconquistada pelo beijo da moça.

A unidade de efeito do poema é centrada na busca dos sentimentos e das sensações que possam completar a moça e o sapo, restituindo-lhes a ilusão e a vontade de viver. Assim, dois seres tristes, isolados em suas mesmices, desprovidos do elemento ilusão, deparam-se e transformam suas existências. É válido destacar que no poema, a moça “triste, estranha, de coroa” é a primeira a olhar o sapo e mesmo “sem saber o que fazia / foi correndo e então o beijou” (POLITO; LACAZ, 2013, p. 19). A ação da moça de beijar o sapo, que tinha coroa, mas não se sentia pertencente à realeza, promove o clímax da narrativa contada pelo poema e instaura o desfecho do “felizes para sempre”.

A preguiça ganha continuidade e indefinições ao ser apresentada como “pregu...”, o tatu-bola é visto por meio da circularidade que o caracteriza “só deita e rola” (POLITO; LACAZ, 2013, p. 13); o mosquito que mora em Quito é compreendido por ter um faniquito e ser aflito; o pássaro é simbolizado por sua relação com o avião; a tartaruga nos diverte com sua roupa que “nunca rasga, só enruga” (POLITO; LACAZ, 2013, p. 21); a pulga se revolta com seu nome, pois não há nada que rima com pulga; a centopeia é o trem espacial que parte de Marte para explorar o mundo; o camaleão desperta de sua estação espacial para viver um caleidoscópio de possibilidade na pele de outros animais e nesse transitar percebe que não precisa habitar outras roupagens, pois ele já é um ser duplo “camaleão”, enfim, nos poemas do livro **H’ e outros bichos inteligentes** nos deparamos com a visão de que

[a] imaginação nos permite ser outras pessoas e nós mesmos, descobrir que podemos pensar, nomear, sonhar, encontrar, comover e decifrar a nós mesmos nesse grande texto escrito a tantas vozes [...] dando sentido a experiência

literária como expressão de ‘nossa humanidade comum’.” (REYES, 2010, p. 14)

Ao longo dos vinte e dois poemas, significado e significante exploram o signo do nome dos animais e constroem significados que transpõem o mundo do reino animal, as linhas e entrelinhas do texto, para bater à porta de nossa imaginação e nos desvelar sentimentos, sensações, percepções, olhares, que buscam desnudar o eu e sua relação com o outro e com o mundo.

### **Aplicando a proposta**

Para a elaboração de espaços e de propostas pedagógicas que transponham as ações rotineiras relacionadas à leitura de poema em sala de aula, baseamo-nos na sequência de letramento literário de Cosson em **Letramento literário. Teoria e prática** (2006) e tomamos à guisa de exemplificação da proposta, os seguintes poemas do livro **H’ e outros bichos inteligentes**, “A formiga”, “Felipe, o último”, “O Tatu-bola” e “Mosquito de Quito”. Vale mencionar que compreendemos ser imprescindível que os vinte e dois poemas, que compõem o livro, sejam disponibilizados, lidos e socializados com os estudantes, assim como a prática de letramento literário poderia ser feita com qualquer um dos poemas do livro, pelo valor literário e artístico que a obra possui como um todo, uma vez que contempla os diversos matizes que caracterizaram a linguagem poética. Rildo Cosson, na referida obra, expõe a sequência básica e a expandida de letramento literário. Utilizamos-nos das etapas previstas na sequência básica: motivação, introdução, leitura e interpretação.

<b>Etapa 1 – Motivação</b>	
<b>Conteúdo</b>	Análise e discussão do vídeo “Bichos tipográficos animados”, de Guto Lacaz, disponível no Youtube.
<b>Atividades</b>	Os discentes assistem ao vídeo e, em seguida, discutem as imagens veiculadas. É importante que o docente abra espaço para a fala dos educandos e também que chame a atenção sobre como a disposição das imagens e letras reproduzem algumas características dos animais abordados.
<b>Produção</b>	Desenhos e imagens que reproduzam as características de seres e objetos, a exemplo dos poemas concretos que entrelaçam forma e sentido. Neste momento, é importante que o professor mediador instigue a imaginação dos discentes.

<b>Etapa 2 – Introdução</b>	
<b>Conteúdo</b>	Análise e interpretação do poema “O buraco do tatu”, de Sérgio Caparelli.
<b>Atividades</b>	Em um primeiro momento, os aprendizes ouvem as leituras gravadas do poema (disponível em: <a href="https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/o-buraco-do-tatu/index.html">https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/o-buraco-do-tatu/index.html</a> ).
<b>Produção</b>	Os discentes produzem um poema sobre ser ou objeto, trabalhando suas características e reproduzindo a forma do poema de Sérgio Caparelli: 9 estrofes com 4 versos cada, finalizados com a rima com nome de cidade. Momento de se trabalhar os elementos do poema: ritmo, rimas, versos, estrofes, métrica, sonoridade e polissemias. Interessante a discussão sobre as características da linguagem literária nesta fase.

<b>Etapa 3 – Leitura e interpretação</b>	
<b>Conteúdo</b>	O mediador apresenta o livro <b>H’ e outros bichos inteligentes</b> aos alunos, por meio de círculos de leitura. Leitura e interpretação dos poemas “A formiga”, e “Felipe, o último”, de <b>H’ e outros bichos inteligentes</b> , explorando os aspectos da linguagem literária e os elementos próprios da poesia.
<b>Atividades</b>	Leitura comparativa dos poemas “O buraco do tatu” e “A mosca tonta”, <b>111 poemas para crianças</b> , de Sérgio Caparelli e “O Tatu-bola” e “Mosquito de Quito”, de <b>H’ e outros bichos inteligentes</b> .
<b>Produção</b>	Produção de poema sobre animais para divulgação em livro (que também pode ser ilustrado), mural na escola ou podcast.

### **Considerações finais**

Pensamos que as práticas da presente proposta podem conduzir os alunos ao “exercício da leitura em seus diferentes níveis: lúdica ou atenta, horizontal (restrita à estória), vertical (atingindo o tema ou a problemática), analítica, entre outras” (COELHO, 2012, p. 130) para que percebam o poder que os textos literários têm de serem “entendidos como agentes formadores não apenas de leitores, mas especialmente da consciência de mundo que levará cada eu a se descobrir em relação ao outro, como parte integrante/responsável do/pelo meio em que se vive.” (COELHO, 2012, p. 130).

Os poemas evidenciam o poder de questionamento, promovendo um debruçar-se sobre o diferente para gerar a certeza de que precisamos despertar nossos olhares para a leitura da vida, do outro e do mundo que nos cerca. Inserir práticas de leitura literária, dentre elas, o poema, é propiciar aos estudantes um reduto de liberdade diante do tumulto do mundo. Nas palavras de Andrueto

a literatura, com seus artifícios, constrói visões particulares de mundo e questiona as formas oficiais de perceber, de sentir, de compreender [...] põe o leitor num lugar incômodo porque desnaturaliza o que a sociedade naturalizou, e é precisamente isso o que o pensamento globalizado pretende apagar para impor normas e formas comuns. (ANDRUETO, 2012, p. 191)

No presente artigo, procuramos evidenciar o poema como arte da palavra, da liberdade, da história que constitui o homem na medida em que o humaniza. A leitura de poemas e seus silêncios, seus invólucros, sua infinidade de significados, acalma e aquieta. É o refúgio dos sujeitos para transpor suas misérias, seus receios, seus temores, bem como é a explicação das contradições e das grandezas que o caracterizam. O linguajar do poema impõe-se como lugar em que a palavra “chega pelo que diz, mas também pelo que não diz, pelo que nos diz e pelo que diz de nós [...] permitindo criar um impasse, de esgueirar-se, por um momento, da pesada flecha do real que, indefectivelmente, nos atravessa, para imaginar outros roteiros.” (ANDRUETO, 2012, p. 55).

O livro **H' e outros bichos inteligentes** presentifica tais sentidos e experiências ao promover o encontro perturbador com o diário, com o comum, com o sabido, para desmistificá-lo, expandi-lo, ampliá-lo, rompê-lo e, desta forma, criar novas leituras, novas possibilidades de ver e imaginar o mundo e, conseqüentemente, a existência dos sujeitos leitores. Sendo, nesse sentido, um dos recursos que o mediador pode se valer para resgatar e salientar a necessidade de sermos sujeitos da palavra, da leitura, do sentir e do perceber. Tais ações mostram que há lugar para o poema não só na sala de aula, mas nos corredores, nos pátios, na quadra, no auditório, em casa, na rua, para isso é preciso apresentar, desvelar o poético para que a magia da palavra, da melodia e dos sentidos ocorra.

## Referências

- ANDRUETO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. Trad. Carmen Cacciaccaro, São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- CADEMARTORI, L. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CAPPARELLI, S. **111 poemas para crianças**. 29. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. Letramento Literário. **Glossário CEALE**, Termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FAILA, Z. (org.). **Retratos da leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Sextante, 2020. Disponível em: < <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em: 01 ago. 2021.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANGUEL, A. **O leitor como metáfora: o viajante**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Edições SESC, 2017.

MARANGONI, M. C. T.; RAMOS, F. B. Poesia: uma casa para as infâncias. **Signo**: Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 83, p. 37-48, 2000. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer.index.php.signo/article/view/14742> Acesso em: 24 mar de 2020.

BERG, S. Como vai a poesia? In: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

POLITO, R.; LACAZ, G. **H' e outros bichos inteligentes**. 1.ed. São Paulo: Dedo de Prosa, 2013.

RAMOS, F. B. **Literatura infantil: de ponto a ponto**. Curitiba: CRV, 2010.

REIS, C. **O conhecimento da literatura**. Introdução aos estudos literários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

REYES, Y. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

TINIANOV, I. **O problema da linguagem poética: o ritmo como fator construtivo do verso**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.